

SILVA, T. C. F. C.

**O ENSINO DE FILOSOFIA E A PEDAGOGIA DO CONCEITO: ALGUMAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO
FILOSÓFICO NO ENSINO MÉDIO**

Tayane Cristine Ferreira Clemente da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho busca realizar uma análise sobre a Pedagogia do Conceito aplicada ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio, para compreender como tal pedagogia pode favorecer na construção do pensamento crítico-filosófico dos estudantes. Serão analisados os componentes da Pedagogia do Conceito, tendo como foco investigar as noções de *conceito* e *plano de imanência*, presentes na primeira parte da obra *O que é a filosofia* de Deleuze e Guattari. Para analisar a Pedagogia do Conceito voltada ao Ensino de Filosofia, também serão adotadas as perspectivas de alguns autores que se apropriaram de tal pedagogia e que aplicaram-na ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio, visando entender algumas contribuições teóricas já realizadas sobre o tema no Brasil. Como resultado, o trabalho aponta que a partir do movimento problema-conceito, constata-se que uma aula de filosofia deve fornecer as condições para que os estudantes possam exercer seu pensamento crítico e sua criatividade através do movimento que recoloca os conceitos da história da filosofia, pensando-os a partir da realidade vivida pelos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Problema-conceito. Ensino criativo. Experiência filosófica.

**THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE PEDAGOGY OF THE CONCEPT: SOME
CONTRIBUTIONS TO THE DEVELOPMENT OF CRITICAL-
PHILOSOPHICAL THINKING IN HIGH SCHOOL**

ABSTRACT: The present work seeks to perform an analysis on the Pedagogy of the Concept applied to the Teaching of Philosophy in high school, to understand how pedagogy can favor the construction of students' critical-philosophical thinking. The components of the Concept Pedagogy will be analyzed, focusing on investigating the concept and immanence plan, that appears in the first part of the work *What is philosophy?* by Deleuze and Guattari. To analyze the Pedagogy of the Concept aimed at teaching philosophy, It will also be accepted the perspectives of some authors who have adopted such pedagogy and who applied it to the teaching of philosophy in high subject in Brazil. As a result, the work points out that from the problem-concept movement it is observed that a philosophy class should provide, therefore, the conditions for students to exercise their critical thinking and creativity through the movement

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É membro da equipe editorial da PROBLEMATA - Revista Internacional de Filosofia. Tem interesse nas áreas de Ensino de Filosofia, Psicanálise, Ética e Filosofia Política.

that puts the concepts of the history of philosophy, thinking them from the reality experienced by students.

KEYWORDS: Problem-Concept. Creative Teaching. Philosophical Experience.

INTRODUÇÃO

Na introdução de *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari (2010) problematizam o fato de que a questão sobre o que é a filosofia foi, ao longo da tradição filosófica, pouco aprofundada. O interesse maior esteve em construir uma filosofia e não tratar a questão minuciosamente sobre o que ela seria. Os filósofos supracitados visam, nessa obra, construir uma compreensão sobre o que é propriamente a filosofia. Segundo eles, a filosofia é criação de conceitos e estes necessitam de personagens conceituais que auxiliam nas suas criações. Um dos personagens conceituais é o “amigo”; os autores apontam os gregos como aqueles que recusam o “sábio” – aquele que detém a sabedoria e trazem o “filósofo”, aquele que busca o saber, construindo compreensões. É importante ressaltar que esse personagem conceitual, o amigo, segundo a compreensão de Deleuze e Guattari, não é algo que esteja fora do pensamento: faz parte da própria constituição do pensar, pois, através do personagem conceitual o pensamento é apresentado.

Os gregos sujeitaram o “amigo” à noção de essência, a uma imagem do pensamento que busca o universal, a verdade. Logo, essa “amizade” que os gregos apontam é uma contemplação do saber, estabelecendo, pois, uma relação de objetividade com a filosofia. Dito isso, Deleuze e Guattari fazem uma crítica à filosofia grega, que acaba tratando o saber como algo contemplativo. Segundo os autores, “amigo” numa compreensão diferente da grega não se refere mais a um personagem que é extrínseco ao pensamento: ele é parte constitutiva do pensar.

De acordo com essa concepção, o filósofo é amigo do conceito e a filosofia consiste, antes de mais nada, na criação de conceitos novos. Os conceitos, por sua vez, remetem aos filósofos que deixam suas marcas, suas singularidades, nessa criação. Desse modo, os conceitos não são formas prontas e acabadas, que possamos contemplar ou refletir sobre eles: são pura criação, novidade, respostas aos problemas.

SILVA, T. C. F. C.

Podemos compreender que a filosofia não é contemplação, pois a atividade filosófica não consiste em contemplar as coisas no mundo e sim em elaborar respostas aos problemas filosóficos; não é reflexão, pois a filosofia não é necessária para que possamos refletir e a reflexão não é específica da filosofia; e não é comunicação, pois a filosofia não está interessada em criar consenso entre as compreensões. A filosofia é criação de conceitos e toda criação é singular e original.

Dito isto, Deleuze e Guattari apresentam a noção de construtivismo, apontando a necessidade, no movimento de criação do conceito, de um plano que é pré-filosófico para dar sustentação aos conceitos nele criados e personagens ali presentes: o plano de imanência, uma delimitação na imanência absoluta, uma espécie de recorte no caos, o qual fornece as condições para que o filósofo transite, onde o pensamento se desdobra. Assim, neste trabalho será defendida uma abordagem que revise a história da filosofia, sustentando que tal abordagem se mostra pertinente para que os estudantes do Ensino Médio compreendam o movimento que os filósofos fizeram para criar conceitos, para responder aos problemas ao longo da história da filosofia, para que possam, então, recolocá-los.

1 – METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa parte do estudo analítico dos textos *O que é a filosofia* de Deleuze e Guattari, *Ensinar filosofia: um livro para professores* de Silvio Gallo e Renata Aspis e *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio* de Silvio Gallo. Nesse sentido, serão abordados conceitos importantes que favorecem a compreensão de um Ensino de Filosofia que trabalhe segundo o movimento problema-conceito, a partir do qual serão oferecidas as condições para que aos estudantes possam exercer seu olhar crítico sobre os conceitos postos na história da filosofia.

Em *O que é a Filosofia?* (1992), Gilles Deleuze e Félix Guattari sustentam, a partir da Pedagogia do Conceito, que a atividade filosófica consiste na criação de conceitos; que estes são singulares, na medida em que são acontecimentos; que possuem a assinatura daqueles que os criaram; que são múltiplos, na medida em que remetem a outros conceitos e que a eles se

SILVA, T. C. F. C.

podem agregar novos elementos. Segundo os filósofos, o conceito resulta de uma inquietação perante a realidade. Esta inquietação se manifesta em um problema. Eles sustentam que, para que algo nos inquiete, é necessário sentir na pele, vivenciar, tomar o problema para si, apropriar-se.

Dada essa compreensão, a metodologia do trabalho parte, num primeiro momento, da explicitação das partes que compõem a Pedagogia do Conceito, em especial as noções de *conceito* e *plano de imanência*, para compreender, mais adiante, como elas influenciam na construção do pensamento crítico-filosófico que queremos defender no Ensino de Filosofia no Ensino Médio, a saber, um ensino que forneça as condições para que os estudantes se inquietem perante a realidade, problematizem e se apropriem dos conceitos da história da filosofia segundo uma Pedagogia do Conceito.

No segundo momento, será analisada a Pedagogia do Conceito voltada para o Ensino de Filosofia. As compreensões que sustentarão os argumentos aqui apresentados serão embasadas, além de Deleuze e Guattari (1992), em alguns outros autores que se apropriam de tal pedagogia aplicando-a ao ensino de filosofia no ensino médio, como Renata Aspis e Sílvia Gallo (1992).

Segundo Gallo (2012), é imprescindível um olhar sobre a história da filosofia, como também o é uma “apropriação filosófica”. Por apropriação podemos compreender como “tornar seu”, “criar com a sua marca própria”, visto que o conceito é singular e aberto para que sejam agregados a ele novos elementos, se fazendo necessário apresentar inquietudes e buscar respostas às questões do tempo vivido por aquele que faz o movimento do pensar, para que se faça sujeito de sua época. Para tanto, é necessário construir uma identidade sobre o que entendemos por filosofia e filosofar. Desse modo, acreditamos que uma abordagem que revise a história da filosofia se mostra pertinente para que os estudantes compreendam o movimento que os filósofos fizeram para criar conceitos, para responder aos problemas ao longo da história da filosofia, recolocando-os.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – O que é o conceito?

Deleuze e Guattari (1992) sustentam que o conceito não é algo simples, uno ou essencial. Um conceito é singular na medida em que é um acontecimento que possui a marca daquele pensador que o cria. Também é múltiplo, ao passo em que remete a outros conceitos, sendo acrescentados novos elementos, tendo em vista que o conceito não é algo pronto e acabado.

É importante ressaltar que só se cria conceitos em função dos problemas mal colocados e com respostas inconsistentes, recolocando-os para construir novas compreensões, visando agregar novos elementos, que é o que os autores chamam de *pedagogia do conceito*. Desse modo, a filosofia não é tida mais como descobridora de conceitos, mas como criadora.

Posto que a ação do conceito é ressignificar o mundo, ou seja, lançar um novo olhar, é importante ressaltar algumas das características do conceito apontadas pelos referidos filósofos franceses. Um conceito possui a assinatura do filósofo que o cria, pois ele deixa sua marca, o seu modo de construir o conceito, sua imanência. Portanto, o conceito possui uma história: de como foi criado, por quem foi criado, a qual plano de imanência ele pertence. Diante disso, não há como pensar Platão com o mesmo olhar de Platão, pois ele viveu numa determinada época, tinha preferências filosóficas e estava inserido num certo contexto.

O conceito também é multiplicidade, pois ele não é fechado em si mesmo. Em sua história é possível acrescentar compreensões; o conceito é uma heterogênese, pois é uma significação única construída através de vários elementos que convergem entre si, remetendo a uma possibilidade dentre muitas outras; o conceito é um incorporeal, no sentido de que não alcança a essencialidade, possuindo ordenadas intensivas. Ele é um acontecimento possível. Por isso, é também absoluto e relativo; relativo no sentido em que remete aos demais elementos e outros arcabouços conceituais, dado que possui um devir, modificando-se constantemente, e absoluto com relação ao seu campo de compreensões, ao seu próprio plano. Seus componentes possuem traços intensivos que são singularidades, na medida em que são *possibilidades*.

Segundo Deleuze e Guattari (1992), ao se criticar um filósofo é necessário partir de problemas advindos do plano de quem critica, para transformar seus componentes perante esse novo solo. Entretanto, o exercício da crítica deve ser acompanhado do movimento de criação,

SILVA, T. C. F. C.

pois é necessário à atividade filosófica dar força ao conceito que enfraquece, e não apenas insistir na constatação de seu esvaecimento.

Posto isso, podemos introduzir a análise sobre a segunda noção desenvolvida por Deleuze e Guattari (1992): o plano de imanência e sua dinâmica.

2.2 – O plano de imanência

No capítulo *O plano de imanência*, Deleuze e Guattari (1992) sustentam que o conceito e o plano de imanência embora estejam correlacionados não devem ser confundidos, pois não são a mesma coisa. Se fossem a mesma coisa, os conceitos poderiam ser unificados e não teriam mais sua característica de singularidade. De acordo com os filósofos franceses, a filosofia é construída por dois aspectos que são: criar conceitos e traçar o plano, ou seja:

A filosofia é, ao mesmo tempo, criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é a sua instauração. O plano não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 52)

Os conceitos são acontecimentos que remetem à imanência daquele que busca dar resposta à um problema. Os acontecimentos são consequência de uma série de fatos e o plano de imanência é o horizonte absoluto dos acontecimentos. Ele possibilita que um pensamento se desdobre, que uma filosofia seja criada. Desse modo, o plano de imanência é um território ocupado pelos conceitos que lhes dão sustentação. Podemos compreender que o plano de imanência é a resposta à pergunta “O que significa pensar?”. Daí o filósofo, através do plano, recortará o caos para que, a partir dessa delimitação, sejam fornecidas as condições que possibilitem o transitar do pensamento.

Deleuze e Guattari (1992) afirmam que se orientar no pensamento não é um método, pois este diz respeito aos conceitos; não remete à um estado de conhecimento sobre o cérebro, dado que não é um estado de coisas determinado; a imagem do pensamento também não é opinião sobre o pensamento. A respeito dessa questão da opinião, os filósofos franceses

afirmam que contemplar, refletir e comunicar são opiniões sobre o pensamento, pois buscam dizer o que ele é.

Os autores sustentam ainda que o pensamento, ao mergulhar no movimento infinito, delimita o que deseja para constituir a imagem do pensamento. Dessa forma, é imprescindível que não se confunda o plano de imanência e os conceitos que o povoam. Mesmo que certos elementos apareçam no plano e no conceito duas vezes, não aparecem sobre as mesmas nuances, pois cada um é singular e irrepetível. De acordo com esta compreensão, a filosofia tem seu início com a criação de conceitos; desse modo, o plano de imanência é pré-filosófico, é anterior à produção conceitual, sendo, pois, condição para que essa produção seja possível. Por “pré-filosófico” se designa o que não existe fora da filosofia. O plano de imanência é a instauração da filosofia entendida como criação de conceitos, pois fornece as condições para que o pensamento se desdobre. É este o solo em que o filósofo lança as problematizações e constrói os conceitos.

Posto isso, podemos questionar qual o papel do plano de imanência, a saber, das compreensões que os filósofos possuem, para a atividade filosófica entendida como criação de conceitos. Entendemos que o papel do plano de imanência é dar consistência à própria filosofia em meio ao caos das múltiplas possibilidades, pois é o recorte, é a delimitação de um campo epistêmico, sem, no entanto, negar a infinitude das possibilidades. Tal delimitação parte da própria experiência do filósofo com a filosofia, o qual estabelece compreensões a partir da vivência, de como entende o que é pensar, para criar conceitos, construindo, assim, sua singularidade. Platão, por exemplo, estabelece sua imagem do pensamento a partir de compreensões como identidade e essência para buscar verdades universais e necessárias. Desse modo, filosofar, para Ele, é investigar o que há de idêntico e essencial nas coisas.

Podemos compreender, então, que a importância do plano de imanência para a atividade filosófica consiste em situar o plano de compreensão no qual uma filosofia se desenvolverá. O plano de imanência recorta o caos de possibilidades tomando dele determinações e, segundo os filósofos franceses, existem diversos planos de imanência ao longo da história da filosofia, cada um remetendo à maneira de cada filósofo de fazer a imanência. Cada plano seleciona aquilo que cabe ao pensamento, e essa seleção varia de plano para plano. Nesse sentido, o filósofo

SILVA, T. C. F. C.

parte da imanência, de uma imagem do pensamento. Em um mesmo filósofo podem existir várias filosofias, pois ele pode mudar de plano, traçar um novo horizonte para a criação conceitual. Desse modo, não existe o plano ideal, existem diversos planos.

Dito isso, podemos questionar: é possível problematizar fora do plano de imanência? Entendendo o plano de imanência como delimitação em meio ao caos, como plano de compreensões que os filósofos possuem e que é anterior à criação filosófica (pré-filosófico), não é possível problematizar a partir da realidade caótica: é necessário estabelecer um recorte para que a partir dele seja criada a problematização, partindo de um campo epistêmico, de compreensões imanentes resultantes da vivência de cada filósofo com a filosofia, isto é, da época em que vivem, seus interesses literários, etc. Assim, para que o filosofar seja possível, é imprescindível a instauração de um plano de imanência.

2.3 – A apropriação conceitual

Deleuze e Guattari (1992) sustentam que a filosofia vem de uma imposição de ordem ao pensamento. Para eles, a realidade é caótica e muitas vezes buscamos fugir desse caos através da opinião, pois esta aparenta oferecer segurança quando na realidade é uma espécie de não pensamento, dado que não assume a existência da multiplicidade na medida em que traz um desejo de verdade consigo e, desse modo, não abre espaço para a criação de novas compreensões.

De acordo com os referidos filósofos franceses existem três potências do pensamento, quais sejam: a arte, a ciência e a filosofia. Estas encaram a realidade caótica a fim de criar seus produtos, cada uma a seu modo. A arte traça planos de composição para criar *affectos* e *perceptos*; a ciência traça planos de referência e cria funções; e a filosofia, por sua vez, traça planos de imanência e cria conceitos. As três potências do pensamento combatem, desse modo, a opinião, que não cria e nem admite o caos.

A tarefa da filosofia enquanto potência do pensamento é lidar com o caos sem cair no não pensamento e criar a partir desse caos. Para um processo criativo, é imprescindível uma delimitação, disciplinando o pensamento, estabelecendo regras para o pensar, sendo a filosofia

SILVA, T. C. F. C.

um dos modos de organizar e ordenar o pensamento. De acordo com Deleuze e Guattari (1992), a especificidade da filosofia é a criação de conceitos e dar respostas aos problemas filosóficos. Dessa forma, lançam críticas aos três modos corriqueiros de entender o que é a filosofia, que são: contemplação, reflexão e comunicação.

No entender dos referidos filósofos a filosofia não é contemplação, pois, a atividade filosófica não consiste em contemplar as coisas no mundo e sim em elaborar respostas aos problemas filosóficos; não é reflexão, pois a filosofia não é necessária para que possamos refletir, e a reflexão não é específica da filosofia; e não é comunicação, pois a filosofia não está interessada em criar consenso entre as compreensões.

A filosofia é criação de conceitos e toda criação é singular e original, através dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização, para instaurar um novo pensamento. Portanto, nenhuma dessas atitudes é específica da filosofia, mas os conceitos criados podem ser contemplados, refletidos e comunicados. Além dessas atitudes, Deleuze e Guattari também criticam a afirmação de que a filosofia vem a ser uma discussão, pois esta pode até indicar elementos para a criação conceitual, mas não é específica da filosofia enquanto atividade criadora.

Aspis e Gallo (2009), a partir da compreensão de filosofia como criadora de conceitos, apontam, na obra *Ensinar filosofia: um livro para professores* (2009), alguns aspectos presentes na obra de Deleuze e Guattari e desenvolvem algumas compreensões sobre o ensino de filosofia como um exercício que lida com conceitos, ou até mesmo os cria.

O primeiro aspecto direciona à uma crítica com relação à maneira que se ministra aulas de filosofias corriqueiramente, orientadas pela noção de maiêutica socrática, sustentando que a aula de filosofia é uma espécie de diálogo. A aula seria então o momento no qual cada um expõe sua opinião, para depois buscar o conceito ou ficar na discussão sobre elas. Como vimos, a discussão não é específica da filosofia, logo, numa aula onde todos dizem “o que acham” não há atividade filosófica. Não se constrói conhecimento filosófico aos olhos da compreensão de filosofia elaborada por Deleuze e Guattari, dado que não há espaço para criação.

Outra maneira problemática de ministrar aulas de filosofia é considerá-las como atividades contemplativas, pois em que medida uma aula que visa apenas contemplar conceitos

SILVA, T. C. F. C.

e problemas criados pelos filósofos é criativa? Se a intenção é apenas entender e admirar os conceitos criados por outros, não se cria, apenas se transmite arcabouços filosóficos, seja por meio de temas ou da história da filosofia, e em maior medida se tece algumas considerações sobre, mas nada além. Por último, ao considerarmos a aula de filosofia como reflexão, tendo em vista o que já fora apontado, não há criação, pois apenas se reflete sobre o que já foi criado.

Dito isso, Aspis e Gallo (2009) buscam explicitar o que é o conceito, dado que trabalham segundo a proposta de Deleuze e Guattari: filosofia enquanto criação. A atividade filosófica consiste na criação de conceitos, e estes são singulares, na medida em que são acontecimentos, possuindo a assinatura daqueles que os criaram, e múltiplos, na medida em que remetem a outros conceitos e que a eles se podem agregar novos elementos. Como veremos a seguir, tal apropriação é possível partindo de um campo epistêmico, um plano de compreensões da realidade que é próprio de um filósofo.

2.4 – A apropriação a partir de um campo epistêmico

Segundo Deleuze e Guattari, o conceito resulta de uma inquietação profunda diante da realidade vivida e esta, por sua vez, manifesta-se em um problema. É preciso vivenciar, tomar o problema para si, uma aspiração ao saber daquele que vivencia o problema, uma espécie de necessidade subjetiva que busca dar respostas às inquietações. Essa aspiração ao saber é intrínseca à noção de *imanência*.

De acordo com Deleuze e Guattari, o *plano de imanência* é uma espécie de delimitação da imanência absoluta, um recorte no caos, o qual fornece as condições para que o filósofo transite, onde o pensamento se desdobra. É nele que o filósofo lança problematizações. Aspis e Gallo (2009) apontam que a apropriação consiste em tomar o conceito de um filósofo para si, reolocando-o em outro plano, o seu plano. Desse modo, há uma atividade criativa nesse “roubo”, pois ressignifica o conceito, assinando-o na imanência.

Visto a importância do plano de imanência para a atividade filosófica como posta anteriormente, pode-se questionar: como o plano de imanência pode contribuir para o ensino

SILVA, T. C. F. C.

de filosofia no ensino médio? A problematização só é possível a partir de um campo de compreensões, pois só consegue problematizar a partir de algo.

Para tanto, é necessário que estabeleçamos uma ligação entre a vida dos estudantes e a maneira como os filósofos problematizaram suas próprias vidas. De que modo podemos estabelecer essa ligação? Lançando nosso olhar sobre a história da filosofia, não em busca de informações, mas no intuito de refazer o caminho que os filósofos fizeram para levar os estudantes a compreenderem o solo epistêmico no qual foi produzida uma filosofia.

Como sustentam Aspís e Gallo:

Na aula de filosofia, é mais do que necessário romper com a visão tradicional da aula, já tão criticada, mas dificilmente abandonada, de um espaço de transmissão de conhecimentos. Ela deve ser um espaço no qual os alunos não sejam meros espectadores, mas sim ativos, produtores, criadores. Mas, não se produz conceito do nada: muitas vezes, é a própria filosofia a matéria da produção de novos conceitos. Assim, é necessário que os estudantes tenham contato, de forma ativa e criativa, com a diversidade das filosofias ao longo da história, pois ela será matéria-prima para qualquer produção possível (ASPIS; GALLO, 2009, p. 41).

O pensamento se desdobra em meio ao caos das múltiplas possibilidades e a problematização só se torna possível no plano de imanência, pois este permite pensar e atacar o próprio pensamento (problematizar) para criar conceitos. Considerando o ensino de filosofia enquanto campo do saber, podemos enxergá-lo nesse movimento de desdobramento do pensar: no plano de imanência. Este permite a problematização e a compreensão dos conceitos criados, sendo possível chegar a outros questionamentos que dizem respeito ao ensino de filosofia.

Entendemos que um dos principais pontos para desenvolver a problematização é partir da vivência dos alunos para construir um conjunto de compreensões. A filosofia enquanto criação de conceitos não busca a verdade absoluta, pois cada filósofo possui um arcabouço conceitual e que usaremos segundo o nosso interesse, a partir dos nossos problemas, aprendendo a conviver com as diversas construções filosóficas (Deleuze; Guattari, 1992).

3 – RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 – A aula de filosofia: uma oficina de conceitos

SILVA, T. C. F. C.

Dados os apontamentos anteriores, Aspis e Gallo (2009) entendem a aula de filosofia como atividade na qual o aluno não deve ser tratado como ser passivo que apenas decora conceitos. A aula deve ser experimentada, ser uma vivência tanto para os jovens quanto para o professor.

Tendo em vista essa meta, a aula pode ser entendida como uma “oficina de conceitos”, a qual deve estabelecer um contato dos jovens com os conceitos. Isso significa dizer que devemos propiciar um ambiente que possibilite a experiência do pensamento, para que filosofem, mesmo que seja apenas nos momentos de aula: é importante desenvolver um olhar crítico-filosófico.

Desse modo, é importante que o ensino não seja uma mera transmissão de conteúdos,² mas que o aluno possa ser ativo, participativo e criador. Para tanto, é necessário entender a filosofia como matéria em movimento, sem a qual não se pode criar. Assim, é imprescindível que os jovens tenham contato com a história da filosofia para que conheçam a variedade de filosofias e produções. Esse contato pode ser estabelecido através de problemas filosóficos.

Tais problemas devem ser levados pelos professores para os jovens, considerando aspectos existenciais que os sensibilizem e os toquem, pois só incorporamos os problemas sentidos na pele. A “oficina filosófica” consiste, pois, em ressignificar os conceitos, pensando-os a partir de sua realidade para, até mesmo, dar respostas aos problemas, recolocando conceitos.

Apesar do risco de cair no “enciclopedismo”, o ensino da história da filosofia não se resume a uma perspectiva acrítica. Os autores trazem Deleuze novamente à argumentação nesse ponto, sustentando que a história da filosofia é a arte do retrato, de visitar problemas postos pelos filósofos, retomando de maneira crítica tais problemas e, partindo disso, para exercer a atividade de criação conceitual.

Para Aspis e Gallo (2009), é preciso um ponto de partida, visto que não se pode filosofar a partir do nada. Os filósofos propõem que é preciso partir de temas, problematizando-os, buscando na história da filosofia pensadores que criaram conceitos a partir de tais problemas.

² Essa concepção de ensino pautado numa transmissão de conteúdos é criticada por Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996).

Os conceitos criados servem para nos orientar no pensamento servindo de matéria para experiência filosófica.

Para que o ensino criativo seja possível, é importante ter em mente que, de acordo com Aspis e Gallo (2009), a *leitura filosófica* difere da leitura que visa acúmulo de saber, pois é uma leitura que é produtiva, criativa, e a filosofia não é uma matéria pronta e acabada, ela é movimento. O professor tem, pois, como tarefa criar as condições necessárias para que o aluno entre no texto filosófico. Isto significa que o aluno deve ler, reler e criar compreensões em vistas de tais textos.

Desse modo, é necessário criar um hábito de solicitar leituras aos alunos, para que eles entendam a importância de se estudar esse tipo de texto, dialogando com ele, decifrando-o, uma tarefa que exige paciência. Será necessário, pois, a criação de táticas por parte do professor para dar incentivo aos alunos nesse processo de leitura e releitura em vistas da compreensão do texto filosófico.

Após o exercício de leitura, de esmiuçar os conceitos e reconhecer o problema filosófico, entendendo os seus aspectos históricos, os alunos poderão se arriscar na *escrita filosófica*. Os estudantes poderão, nesse momento, elaborar respostas ao problema tratado, fazendo isso de acordo com os estudos realizados, remetendo aos conceitos trabalhados. Para que essa colocação se dê de forma coerente, os alunos deverão compreender os conceitos de forma correta, para não ocasionar erros de compreensão que comprometam seu entendimento e a futura contribuição no momento da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou esmiuçar as noções de *conceito* e *plano de imanência* presentes na primeira parte da obra *O que é filosofia* para deixar explícito de onde parte a noção de pedagogia do conceito, visando aplicá-la nos estudos sobre ensino de filosofia no ensino médio e entender seus desdobramentos. O intuito, com a apropriação da pedagogia do conceito, foi voltar a atenção para o ensino de filosofia e buscar alternativas ao ensino pautado unicamente na transmissão dos conteúdos, já tão criticado. Percebe-se que é crucial, no âmbito da pedagogia

SILVA, T. C. F. C.

do conceito, inquietar-se perante a realidade vivida para problematizar e buscar respostas, para criar e recolocar, assim, o conceito, sendo tal movimento, de acordo com Deleuze e Guattari, próprio da filosofia ao longo de sua história.

Portanto, a sala de aula, adotando uma perspectiva de um ensino de filosofia criativo, deve ser um ambiente que forneça as condições para que os estudantes possam exercer seu pensamento crítico através do movimento que recoloca conceitos, pensando-os a partir das suas próprias experiências. Desse modo, argumenta-se a favor de um ensino que fuja da lógica que trata o aluno como passivo no processo de ensino-aprendizagem, que apenas colhe os conteúdos ministrados.

REFERÊNCIAS:

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. Parte 1: o que ensinar? In: *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009, p. 25-72.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munõz. – São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª edição)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, S. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.